

Primeiras Abordagens Teóricas Internacionais sobre a Internet: Reflexos e Tendências na Atualidade da Comunicação Brasileira

Primeras Aproximaciones teóricas internacionales en Internet : Reflexiones sobre Tendencias y Actualidad de la Comunicación de Brasil

First International Theoretical Approaches on the Internet: Reflections on Trends and Actuality of the Brazilian Communication

Denise Mafrá Gonçalves¹

Resumo

O trabalho visa apresentar síntese de resultados obtidos após mapeamento da literatura internacional publicada entre os anos de 1990 e 2000 sobre os primeiros conceitos, problemas e abordagens a respeito da internet no contexto da cibercultura, especialmente os estudos europeus e norte-americanos. Discute sobre o conceito de meio de comunicação e de atualidade mediática, no contexto da cibercultura mundial, e levanta questões sobre as tendências de abordagens atuais da área de comunicação brasileira sobre a internet. Trata-se de estudo epistemológico da área de comunicação que discute o avanço conceitual em face da oportunidade trazida pela internet como meio de comunicação. Aponta para a necessidade urgente de novas abordagens, para que, aos poucos, os problemas, as metodologias e as teorias da comunicação formem um conjunto estruturado e de domínio de conhecimentos próprios sobre esse objeto. Esse caminho pode ser o de reconhecer o que está implicado no estudo da internet como meio de comunicação: a cultura, a sociedade, a representação e a própria técnica: ou seja, a compreensão sobre a atualidade mediática.

Palavras-chave: Epistemologia da comunicação; Meio de comunicação; Atualidade mediática; Internet; Cibercultura.

¹ Doutorado em Teoria da Comunicação pela Universidade de Brasília – UnB. Especialista em Gestão Governamental, atuando no monitoramento da implementação de políticas públicas pela Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. E-mail: mafradenise@gmail.com

Resumen

El artículo presenta los resultados de la síntesis después de la cartografía de la literatura internacional publicada entre 1990 y 2000 sobre los primeros conceptos, temas y enfoques en cuanto a la internet en el contexto de la cibercultura, especialmente europeos y estudios norte americanos. Discute el concepto de medios de comunicación y los medios de comunicación, hoy en día, en el contexto de la cibercultura global, y plantea preguntas sobre las tendencias de los enfoques actuales en el área de comunicación de Brasil en el Internet. Es estudio epistemológico del área de comunicación que discute el avance conceptual de la oportunidad presentada por la internet como medio de comunicación. Señala la necesidad urgente de nuevos enfoques, por lo que poco a poco los problemas, las metodologías y teorías de la comunicación y forman un dominio estructurado de conocimiento propio acerca de este conjunto de objetos. Este camino tampoco puede ser el reconocimiento de lo que está involucrado en el estudio de la Internet como medio de comunicación: la cultura, la sociedad, la representación y la técnica en sí: es decir, la comprensión de los medios de comunicación en el tiempo presente.

Palabras clave: Epistemología de la Comunicación; Media Hoy; Internet; Cibercultura

Abstract

The paper presents synthesis results after mapping the international literature published between 1990 and 2000 on the first concepts, issues and approaches regarding the internet in the context of cyberculture, especially European and North American studies. Discusses the concept of media and media today, in the context of global cyberculture, and raises questions about the trends of current approaches in the area of Brazilian communication on the internet. It is epistemological study of the communication area that discusses the conceptual advance in the face of opportunity presented by the internet as a communication medium. Points to the urgent need for new approaches, so that gradually the problems, methodologies and communication's theories and form a structured domain of own knowledge about this object set. This path can either be to recognize what is involved in the study of the internet as a communication medium: culture, society, representation and the technique itself: namely, the understanding of the media today.

Keywords: Epistemology of Communication; News Media; Media Today; Internet; Cyberculture

Introdução

Ao buscar compreender o imaginário da cibercultura, Lemos (2002) faz uma análise pertinente. Ele lembra que, em 1998, um grupo de americanos se reuniu para propor o “tecnorealismo”, um suposto meio termo, um caminho do meio, para fugir dos extremos entre “o medo e a fascinação” ou “contra a euforia ou a favor da euforia tecnológica. Ao analisar o manifesto com cuidado, ponto a ponto, verifica que tanto os neoluddities (contrários à euforia) quanto os tecnoutópicos (entusiasmados) concordam com diversos dos pontos colocados pelo Manifesto dos Tecnorealistas². Conclui que uma posição neutra, uma tentativa de conciliação ou consenso seria mais do que forçada, falaciosa e inócua (2002:267).

Consideramos que uma análise ainda mais cuidadosa do que a de Lemos, ao se tratar dos problemas que envolvem a internet, é necessária. Não se trata de buscar a neutralidade, mas de encontrar terceiro e quarto olhares, não consensuais, mais tangentes e menos polarizados e radicais em suas posições. As explicações tratam de aspectos técnicos, sociais, culturais, porém, os problemas fundamentados em ideologias devem dar lugar a proposições teóricas coerentes com o pensamento da área de comunicação para explicar a internet. Estudar a cultura, a sociedade e a técnica, relacionadas entre si, e as representações que temos de mundo, modificadas pela tecnologia, pode ser um caminho apropriado ao conhecimento dos problemas da internet do ponto de vista da comunicação. Essa falta de caminho, a ausência de definição do objeto e a perda do meio de comunicação como referencial é motivo de preocupação da área há bastante tempo, dentro e fora do Brasil. (ENZENSBERGER, 1979; MARQUES DE MELO, 2008; MARTINO, 2001; VERON, 1981; WEBER et alii, 2002)

Este estudo visa propor a problematização sobre algumas questões conceituais e abordagens teóricas dos primeiros pensadores internacionais sobre a internet, desde 1990, no contexto da comunicação e da cibercultura mundial.

2 <http://www.technorealism.org/>

Quer também pensar sobre as questões a respeito da internet que estão sendo tratadas no Brasil da atualidade. A premissa é a de que existem vários pensadores que podem ser tomados, muitas vezes indevida e acriticamente, como teóricos da internet no âmbito internacional, oriundos da última década do século XX. Pode ser que sejamos seguidores acríticos, apesar de haver um grande potencial de contribuições teóricas brasileiras para explicar a internet como meio de comunicação da atualidade.

Na primeira parte, apresentamos o problema que nos moveu e, em seguida, apresentamos, em dois subtópicos, o quadro que mostra as tendências do pensamento internacional sobre a internet. Por fim, propomos que as contribuições teóricas brasileiras tratem da internet como meio de comunicação como parte atuante da atualidade mediática (Martino, 2009).

O problema de compreender a internet como meio de comunicação no contexto da cibercultura mundial e da atualidade mediática

Como sabemos, nas teorias sobre a comunicação sobressaem duas tendências, bem separadas, distintas e polarizadas. Uma contra e outra a favor da tecnologia uma que prenuncia e outra que denuncia, uma que se entusiasma e outra que teme e aponta para os riscos da adesão à comunicação mediada, especificamente, agora, por tecnologia digital.

Por mais que essa dupla abordagem seja conhecida - e que aborreça a muitos - não podemos negar que a tradição de pesquisa das ciências sociais e humanas está habituada a tratar dos grupos como os “apocalípticos” e os “integrados” (Eco, 2004), os céticos e os entusiasmados (Martino, 2001), ou algo semelhante. Por isso, consideramos necessário destacar essa constatação que também foi por nós observada em levantamento que fizemos sobre o pensamento internacional e nacional a respeito da internet no contexto da comunicação digital, da cibercultura mundial e da atualidade mediática. Sobre essa polarização tão repetida (Moraes, 1998; Lima, 2004) Marcondes Filho (2001) alerta

que “as posições dicotômicas são equivocadas por serem “ficções teóricas”. Elas antes encobrem os problemas do que os resolvem, reduzindo a discussão a um procedimento de certo ou errado”.

A discussão em torno das novas tecnologias se divide em duas posições antagônicas, ambas equivocadas: fechamento ou adesão, isolamento ou deslumbramento. Nenhuma delas colabora, de fato, para melhor compreender a nossa posição e sobre nossas efetivas possibilidades de interferência nesses processos. A postura de aceitação entusiástica, de recepção festiva de cada novo gadget tecnológico, é ingênua e irresponsável. Mas a contrapartida conservadora não deixa de ser menos inócua. Ela articula uma crítica popular e corrente das novas tecnologias que se apóia na debilitação humana, que fala de desaparecimento de espaços de diálogo e de comunicação, do fim da vida comunitária clássica, da extinção dos valores básicos e mesmo do conceito de realidade. É a posição nostálgico-restauradora, a mesma que inspirou diversos pensadores de cem anos atrás à recusa da industrialização, à destruição das má qui nas, à rebelião contra o progresso. (2001:02)

As questões que fizemos foram: os estudos brasileiros da área de comunicação aderiram a posições favoráveis e contrárias ao determinismo tecnológico, ao estudarem a internet como uma questão comunicacional da atualidade mediática no período 2000 a 2014? Se sim, mantivemos vínculos com a tradição teórico-epistemológica que trata da internet como problema da comunicação ou estivemos explicando a internet como questão ontológica, filosófica, social ou antropológica? Como uma questão socialmente determinada pela tecnologia digital de comunicação, estamos procurando explicar a internet de que maneira? Estamos procurando problematizar a internet como meio de comunicação e estudá-la no contexto da atualidade? Os estudos da área de comunicação brasileira estão contribuindo para compreendermos a internet como meio de comunicação da atualidade ou seguimos, como a um mapa, o pensamento internacional sobre a cibercultura? Estas foram as questões que buscamos responder em levantamento sobre os principais problemas e abordagens apresentados na literatura brasileira da área de comunicação sobre a internet entre 2000 e 2010. Antes, para contextualizarmos nossa pesquisa, levantamos o pensamento de alguns reconhecidos

autores internacionais, considerando especialmente o pensamento dos europeus (Pierre Lévy, 1993a, 1993b, 1997; Phipliphe Breton, 1997, 1999, 2000; Manuel Castells, 1999, 2003; Jean Baudrillard, 1981, 1997; Paul Virilio, 2000; Lucien Sfez, 2000; De Kerckhove) e de alguns americanos (Nicholas Negroponte, 1995; Howard Reinghold, 1996), entre outros menores, como, por exemplo, Joel de Rosnay (1991, 1995, 2006) e Wolton (1995, 1997, 2000) que publicaram suas primeiras ideias sobre a internet na década entre 1991 e 2000.

Em nossa análise dos principais estudos internacionais sobre a comunicação, chegamos a quatro visões que consideramos poder definir e delimitar as abordagens teóricas internacionais no primeiro período (1990-2000) sobre a internet e a comunicação são: 1) a abordagem “léviana”, com a licença do trocadilho, cujo olhar é ideológico, portanto, otimista e esperançoso. Essa visão inclui estudos dos americanos e destaca Lévy (1999, 2000), entre os europeus, definidos pela valorização extrema da tecnologia digital e o escamoteamento dos aspectos perniciosos da internet, atribuindo-lhe o futuro da comunicação e da democracia; 2) a abordagem “viriliana”, com o olhar assustado de Virilio (1997) da guerra, do bunker, e de seus conterrâneos europeus (Baudrillard, 1998; Sfez, 1998), que consideram que a internet é a ameaça à comunicação humana e à livre cultura dos povos, como também é a destruição da cultura do velho mundo e a 3) a visão “castelliana”, com o olhar catalão de Manuel Castells (2000), que nos parece mais refinado, de um estudioso que reconhece que o bem e o mal não caracterizam a internet, nem meio de comunicação algum, mas que a tecnologia está a serviço do homem, nesse caso da comunicação, da informação, da economia e da sociedade, bem como dos poderes instituídos e, por fim, 4) a visão “kerckhoviana” (1997), que trata da internet como artefato técnico, meio de comunicação, justificando que afeta nossos sentidos humanos e altera nossa consciência de mundo, como extensão eletrônica para nossos olhos, ouvidos, pensamentos e percepção tátil da realidade, em clara continuação das idéias de McLuhan (1964).

Essa classificação é uma tentativa, bem humorada, é verdade, de interpretar e reconhecer os lugares que cada um dos pensadores internacionais mais reconhecidos assume, pela visão que tem a respeito da internet. No contexto da comunicação mediada pela tecnologia digital e da cibercultura, como dissemos, não se pode afirmar que esses sejam

estudos rigorosamente modelares ou estudos teóricos sobre a internet. De fato, nenhum deles apresenta um modelo teórico consistente, em que é feita a devida problematização, os conceitos são apresentados e as proposições são lançadas para serem contestadas. Na verdade, são pensamentos que refletem posições, olhares, e traçam linhas, correntes de análise, umas mais outras menos densas ou mais ou menos análises técnicas que outras, certamente. O que podemos afirmar é que todos, de uma forma ou de outra, contribuíram e ainda contribuem para formar a ideia que temos hoje sobre a internet como meio de comunicação da atualidade mediada pela tecnologia digital. A referencia a esses autores vem se concretizando nos estudos mundiais e nacionais há pelo menos duas décadas.

Pode-se dizer que ao se tratar da internet, trata-se de sociedade em rede. As óticas são diferentes, cada uma é bastante evidente. O olhar de Lèvy e seu grupo (1996) é, primordialmente, socioeducacional e antropológico; o de Castells (1998) é socioeconômico; o de Virilio (1993) e seus conterrâneos europeus é essencialmente político-ideológico e o de Kerckhove (1997) é psicossociotecnológico e tecnopsicológico, como ele próprio define... Para ele, “a nossa realidade psicológica não é ‘natural’, depende parcialmente da forma como nosso ambiente, incluindo as próprias extensões tecnológicas, nos afetam” Sobre a idéia de “psicotecnologia”, explica que inventou o termo “baseado no modelo da biotecnologia, para definir qualquer tecnologia que emula, estende ou amplifica o poder das nossas mentes (2009: 22-23).

Na ótica de De Kerckhove (1997), por exemplo, a análise dos meios de comunicação é enriquecedora para entendermos como estamos sendo transformados, em nossa maneira de ver o mundo e percebê-lo pela ação da tecnologia:

(...) enquanto a televisão é geralmente vista apenas como um difusor unilateral de materiais audiovisuais poderia ser útil para os psicólogos O grifo é nosso) verem-na como uma extensão de nossos olhos e ouvidos até os locais de produção das imagens. Quando se compreende a televisão dessa forma, pouco importa se o programa é ao vivo ou gravado. De fato, telefone, rádio, televisão, computadores e outros media combinam-se para criar ambientes que, juntos, estabelecem um domínio de processamento de informação. É o domínio das psicotecnologias. (...) As tecnologias do vídeo dizem respeito não só ao nosso cérebro, mas a todo o sistema nervoso e aos sentidos, criando condições para uma nova psicologia (2009: 23-24).

Nenhum deles, portanto, busca ser essencialmente técnico-comunicacional, sendo o técnico, o olhar que examina o objeto para saber o que é, como é, por que é, quando existe, onde está, quem usa e vê de que modo a tecnologia, ao funcionar insere-se em uma circunstância histórico-cultural e o comunicacional a esfera que considera o conceito e todas as características do objeto e as relaciona ao contexto cultural e social, bem como procura compreender de que modo o meio de comunicação está atuando no conjunto das práticas de comunicação humanas. Esse olhar verifica até onde, de que modo, em que ocasiões, o uso do meio de comunicação, como artefato técnico, afeta não só a comunicação, a cultura e a sociedade, como um ato de consolidação da interação humana, mas o próprio funcionamento do meio de comunicação.

As abordagens desses primeiros pensadores costumam tratar de algumas relações no contexto da sociedade atual, assim como foi feito anteriormente com os meios de comunicação de massa: indivíduo e tecnologia; tecnologia e sociedade; cultura e tecnologia; política e tecnologia, suas características e influências nos espaços privados, públicos, (casa, escola, cidade, relacionamento etc). Logo, as visões desses estudos são, em sua maioria, as visões da sociologia, da antropologia, da psicologia, da educação, da arte, da arquitetura. Os analistas assumem posições contrárias ou a favor ao objeto técnico, tratam-no, muitas vezes, como meio de comunicação da atualidade mediática, mas a maior parte deles não está sequer preocupada em delimitar, estabelecer e discutir seu conceito.

Quando se trata de entender os caminhos que os estudos da comunicação brasileiros estão tomando, pois tratam da interface entre o humano e o meio, da análise da sociedade e da cultura, fica a dúvida: estamos seguindo que correntes de pensamento? Podemos dizer que tanto os estudos que investigam limites e potencialidades sobre a tecnologia no que diz respeito a seus efeitos sociais e culturais, sem que as abordagens estejam ancoradas em olhares específicos da comunicação para explicar a internet, como os que duvidam da ação da tecnologia sobre a sociedade estão mais ou menos distantes do interesse das explicações sobre a ação da tecnologia, ela própria, como sujeito da sociedade complexa em que estão presentes outros atores, participantes das diversificadas relações entre sujeitos e objetos da cultura e da sociedade contemporâneas.

Alguns deles não querem saber sobre como e porquê esse objeto técnico caracteriza-se como um meio de comunicação, nem relacionar fatores sociais, tecnológicos e culturais à existência desse meio, verificando se afetam, conjuntamente, o indivíduo e a sociedade. A análise de diversas dimensões da atualidade - a cultural, a social, a técnica e a da representação – sobre o presente que nos é apresentado pelos meios de comunicação, denominado, por Martino (2007), como *Atualidade Mediática*. Esse conceito, juntamente com o conceito de meio de comunicação talvez contribuisse para compreendermos a internet na área de comunicação. Teríamos de entendê-la como a um conjunto de dispositivos informatizados que, por seus atributos mediáticos e técnicos, permite conectar representações digitais de símbolos humanos de comunicação (linguagem), síncrona ou assincronamente, reunindo uma ou mais pessoas, próximas ou distantes, para interação e compartilhamento de algo que desejam saber/ter/conhecer em comum.

Ou seja, o olhar técnico-comunicacional que adotamos como premissa não se refere ao que era trabalhado pelo modelo informacional, usado pela teoria da informação (Wiener, 1968) para explicar os processos de comunicação máquina-humano-máquina. No momento em que a tecnologia digital oferece outro tipo de comunicação, em rede, e expande a relação e altera o tipo da interação entre os humanos, o olhar técnico-comunicacional também precisa mudar, forçosamente, para explicar o fenômeno em todas as suas dimensões.

Interessante notar que, independentemente da abordagem e do olhar sobre as questões da internet, os estudos buscam explicar, de modo geral, o fenômeno da rede. Podemos dizer que o resultado dessa análise leva ao quadro sumário sobre a temática internacional (Quadro 4) que pode ser orientador para as primeiras explicações sobre a internet, como rede de comunicação, no contexto da cibercultura mundial, como fenômeno sociocultural a ser compreendido.

Quadro 1 – Sumário do Pensamento Internacional sobre a Internet 1991-2000

Tendências	Foco	Representantes em destaque
Questões lógicas que modificam a comunicação: e-mail, chat, forum, newsgroup, blog, twitter, redes sociais, modos de recepção, transmissão, digitalização, redução dos suportes, convergência de meios, hiperlinks, web.2.0	Sociotécnico	Pierre Lévy; Manuel Castells Nicholas Negroponte; Howard Reinghold; Joel de Rosnay; De Kerckhove.
Questões sobre virtualização de papéis culturais e sociais, com mudança, multiplicidade e multimodalidade liberação dos papéis de emissão e recepção, consciência da complexidade da comunicação, da interação, e das alterações de relacionamentos em comunidades	Sócio-comunicacional	Pierre Lévy; Manuel Castells; Nicholas Negroponte; Joel de Rosnay; De Kerckhove; Howard Reinghold.
Questões de comportamento, linguagem, comunicação e educação com efeitos sensoriais ou atribuídos ao hipertexto e ao acesso global a informações por meio da tecnologia digital. inteligência conectada (coletiva).	Socioeducacional Antropológico Biopsicossocial	Pierre Lévy; Manuel Castells; Nicholas Negroponte; Howard Reinghold; Joel de Rosnay; De Kerckhove.
Questões sobre repercussões da rede na percepção humana, na psicologia social e nas relações da educação; mudanças na perspectiva dos indivíduos sobre autoria, autonomia, singularidade, subjetividade, coletividade, simplificação, complexidade.	Biopsicossocial	Nicholas Negroponte; Armand Matellart; De Kerckhove; Dominique Wolton.

Questões sociotécnicas; redução do espaço-tempo; mudanças na economia mundial, mudanças nas condições de armazenamento de informações e na distribuição, possibilidade de acesso a informações a mais pessoas.	Sociotécnico e socioeconômicas Informacional	Pierre Lévy; Manuel Castells; Nicholas Negroponte; Joel de Rosnay; Armand Matellart; Philippe Breton; Paul Virilio Jean Baudrillard; Lucien Sfez.
Questões culturais e sociais para a comunicação na rede: ubiqüidade, socialidade, tribalismo, questões do tempo presente, compartilhamento, colaboração, liberdade, arte e criatividade (imaginário).	Sociocultural	Pierre Lévy; Manuel Castells Nicholas Negroponte; Howard Reinghold; Joel de Rosnay Dominique Wolton; Philippe Breton; Paul Virilio; De Kerckhove.
Questões político-sociais e econômicas: hegemonia, inclusão, exclusão, dominação cultural e econômica e globalização, poder, opressão, e suas conseqüências.	Sociopolítico e socioeconômico	Pierre Lévy; Manuel Castells; Dominique Wolton; Armand Matellart; Philippe Breton; Paul Virilio; Jean Baudrillard; Lucien Sfez.

Não obstante a corrente em que se situam, vimos que mesmo aqueles que abordam as questões sob a pressão da ideologia, acabam por reconhecer e tratar a internet, fundamentalmente, como meio de comunicação, entretanto, sem problematizar especificamente esse conceito.

Porém, é fato que a análise fica voltada à ênfase política, antropológica, sociológica, cultural, educacional ou psicológica do objeto técnico. Por isso, em decorrência da preocupação em discutir epistemologicamente o meio de

comunicação (como principal elemento problematizador que constitui a rede mundial de computadores) ser reduzida, embaçada, a proposição de modelos teóricos para dar conta desse objeto de estudo não se desenvolve plenamente.

Isso quer dizer que, ao tempo em que os estudos pensam sobre os meios, apresentam propostas para entender os meios na configuração da internet, não chegam a construir qualquer modelo que possa servir às análises da área de comunicação. Ainda assim, apontam para aspectos importantes e podem ser apropriados e reconstruídos pela área de comunicação para ampliar o conhecimento específico.

Com relação à evolução temporal, histórica, da abordagem aos temas, pode-se verificar que o entendimento dessas correntes de pensadores sobre a internet (como tecnologia de informação e comunicação (TIC) que conecta computadores em rede mundial), em seus primeiros esforços para compreendê-la, mostra o seguinte, conforme recortado no Quadro 5.

Quadro 2 – Periodização dos temas dos estudos internacionais sobre a internet

Até 1993 – os estudos preocupavam-se, essencialmente, com a contextualização histórica da internet e com a sua descrição como recurso da informática, relacionando-a às idéias sobre CMC (comunicação mediada por computador) e a teorias e idéias que conheciam, relacionadas aos meios de comunicação de massa, à teoria da informação, às idéias de McLuhan sobre “aldeia global”, procurando analisar as mudanças da sociedade e a cultura das nações “globalizadas”, potencialmente ameaçadas (positiva ou negativamente) pela entrada de um novo recurso de comunicação e acesso a informação, pela primeira vez, digital, e em rede mundial.

De 1993 a 1995 - Ficam mais evidentes e mais freqüentes, com mais detalhes, as tentativas de se estabelecerem as características específicas da rede (web, http, www) e o lugar da internet, ampliando-se os estudos para a análise dos usos e para o entendimento da apropriação das ferramentas, bem como se disseminam estudos a respeito dos efeitos sobre as práticas culturais, individuais e coletivas. Interessa compreender a linguagem, os formatos, a interação e as primeiras análises sobre as comunidades de compartilhamento.

De 1995 a 1997 - Começam a se diferenciar textos de alerta sobre as conseqüências extremamente maléficas, da perda da liberdade, da hegemonia da sociedade capitalista pós-industrial sobre a cultura e textos premonitórios, tanto catastróficos, quanto utópicos, sobre um mundo extremamente cruel e desigual ou sobre um mundo absolutamente mais democrático, igualitário, com acesso a todos. Em conseqüência, surgem as primeiras abordagens sobre a exclusão social e econômica decorrente da falta de acesso à rede ou aqueles que consideravam possíveis apenas benesses trazidas pela rede de colaboração que, pela redução das distâncias sociais e pelo compartilhamento, seria o caminho da eliminação das desigualdades cognitivas, econômicas e sociais.

De 1997 a 2000 (e poucos anos depois) – os estudos ficam mais especializados, uma vez reconhecidas as características da internet, seu uso ampliado pela disseminação de softwares que propunham o compartilhamento de arquivos (Napster, MySpace, , etc) e aprimoramento dos buscadores com o surgimento do Google, e os potenciais efeitos de todas essas novidades. Passam a tratar de aspectos específicos tais como a convergência, arte, cultura, linguagem, arquitetura, e a experimentar explicar os meios, as relações sociais, as comunidades virtuais, etc.

Entendemos que esse quadro apresenta o lugar onde os estudos se posicionaram desde as primeiras manifestações sobre a internet para buscar explicá-la. A “bagagem” teórica, filosófica ou ideológica existente foi levada para essa tarefa. Analogamente, é como se os estudiosos tomassem lugares em uma arquibancada da história, usando um binóculo, para olhar o “espetáculo” da tecnologia digital em rede nascendo, crescendo e ocupando mais e mais espaços públicos e privados. Alguns se sentaram à frente, outros, ao lado enquanto outros preferiram posicionar-se à distância, em um lugar frontal ou lateral. Alguns usaram lentes mais potentes e procuraram ver e explicar vários níveis do que estavam enxergando, sem deixar que o embaçamento da lente pudesse ser causado por sua concepção de mundo, ou seja, procuraram ser isentos nesse olhar. Outros, porém, procuraram apoiar-se, defensivamente, em explicações calcadas em suas posições ideológicas, mais sedimentadas, sem dúvida, e temerosos diante do novo.

Essas análises tomaram os parâmetros conhecidos da história, especialmente, os da sociedade industrial, conhecida, para tratar das alterações sociais, políticas, culturais e espaço-temporais na perspectiva dessa “nova” tecnologia e, para alguns, passou de ameaçadora à configuração da própria sociedade, desconhecida, baseada na informação e no conhecimento, como começou a ser chamada a era pelos que conseguiam olhá-la com menos temor. Tanto os estudos que a analisaram com isenção, quanto os que se deixaram contaminar por posições político-ideológicas, porém, tinha algo em comum: todos viram, mais fácil e imediatamente, que se tratava de uma mudança aparentemente irreversível e que se apresentava como proposta de reconfiguração do mundo como era conhecido até então.

Assim, todos os olhares, de um modo ou de outro, apontaram para a ampliação das relações entre culturas e viram nisso tanto um potencial positivo quanto negativo. Nesse contexto, os que buscaram compreender essa nova forma de constituição do mundo contemporâneo, complexo, baseado em rede, vendo a internet como um meio de comunicação de alcance mundial, com características de convergência, promovendo alterações na percepção humana da realidade pareciam conseguir ver mais claramente, ao passo que os olhares assustados obnubilaram as explicações. Pode-se considerar que ficaram muitos lugares vagos ainda, reservados para olhares que podem ver o meio de comunicação, em si, por exemplo, vinculado à evolução da técnica e sua ação sobre o mundo, sendo também ator dessa sociedade.

Até aquele momento, teorias da comunicação consolidadas, paradigmáticas ainda não haviam aparecido, portanto. Nesse primeiro período de estudos sobre a rede mundial de computadores, justificável pelo tempo de existência da internet, as idéias sobre virtualidade, comunidades virtuais, interação em rede, hipertexto, simulação e imaginário tecnológico com os vieses sociológicos, antropológicos, psicológicos, etc, frutificaram e essas primeiras idéias, provavelmente, ainda iriam fomentar os estudos e suas derivações metodológicas e semânticas durante a próxima década, até os dias atuais. Vimos que, nos últimos cinco anos da primeira década da internet, os estudos de Reinghold e De Kerckhove já começavam a procurar explicar a relação entre as comunidades e as necessidades de comunicação, bem como a interação dos sentidos humanos para a apropriação da internet como tecnologia, do ponto de vista técnico-comunicacional. Pela exploração do potencial de desenvolvimento comunicativo permitido pela tecnologia que

modifica os comportamentos individuais e altera as percepções de mundo e a cultura, o olhar de De Derckhove parece ser o mais próximo da explicação da internet como meio de comunicação em sua relação com a sociedade complexa alterada pela ação de aparatos tecnológicos³.

Passada outra década de ainda maior expansão e uso da internet, consideramos que esses estudos devem ser tomados agora como base para análises mais específicas e novas abordagens teóricas sobre a internet. Como estamos procurando avaliar as abordagens teóricas na direção de dar conta de explicar a internet como meio de comunicação, permanecemos em busca dessas explicações pela ótica das análises geradas no Brasil. Aliás, mesmo que não haja consensos teóricos na área de comunicação sobre a internet, não se nega a necessidade de esses primeiros estudos serem superados por questões e abordagens específicas, que avancem em conhecimentos de área e que sejam capazes de responder a problemas localizados em suas próprias dúvidas de conhecimento.

Nos Estados Unidos, essa especialização para a comunicação começou ainda no fim desta primeira década. Em 1996, por exemplo, foi realizado um simpósio especial sobre a internet que, ainda no fim dos anos 90, portanto, já mostrava que os pesquisadores tratavam de temas intitulados como "Estudo de Caso da Internet Por Pesquisadores de Comunicação"; "A Internet como mídia de massa" e "Unidades de Análise de Comunicação da Internet", entre outros. (Morris, 1996)

A partir dos primeiros estudos sobre a internet até o momento atual, à medida que as dúvidas se desdobraram em problemas pontuais, de natureza comunicacional, sociológica, educacional, psicológica etc, espera-se, logicamente, que estudos mais esclarecedores e mais direcionados sejam trazidos para serem tratados no interior de cada uma das ciências humanas e sociais. Isso depende, no entanto, da capacidade que cada ciência tem de formular sua própria

3 I. J. Bom levantou a hipótese de que as máquinas ultrainteligentes poderiam nivelar as inteligências humanas e levar a uma explosão inteligência lógic, o que reverteria para a inteligência humana. Nos anos 80, Vernor Vinge chamou de Singularidade Tecnológica a essa idéia e popularizou-a em obras ficcionais sobre inteligência artificial. Disponível em http://www.worldldingo.com/ma/enwiki/pt/Technological_singulariry

problemática e de delimitar seu próprio objeto de estudo. Pode-se afirmar que essa especialização já vem ocorrendo, sem dúvida, em outras ciências sociais e humanas, cuja tradição de pesquisa é fortemente definida em pressupostos teóricos e cujo desenvolvimento epistemológico se destaca. Para ilustrar, lembramos que, na década de 90, os estudos sobre a internet na área de psicologia escolar começaram com indagações sobre as questões comportamentais, uma vez que a nova configuração dos espaços de comunicação e de ensino-aprendizagem poderia afetar o modo de os indivíduos alunos aprenderem e professores ensinarem.

As análises sobre o comportamento, para saber o que ocorreria nos espaços de aprendizagem modificados pela tecnologia levaram a outras questões na área de educação sobre a influência do meio na relação professor-aluno e na comunicação aluno-aluno, além de se interessar pelos assuntos relativos à interação e à colaboração, começando a valorizar as diferenças entre o modo de a criança e o adulto aprenderem, em função da existência de um recurso material (comunicação em rede e acesso a informações) que estimulava atitudes de autonomia e permitia o desenvolvimento de interesses específicos e autodidatismo favorecido pelo meio. Teorias cognitivistas ou humanistas como as de Paulo Freire (1970), Dewey e Ausubel passaram a ser recuperadas para explicar as mudanças nas escolas para crianças, adolescentes e adultos. Os eventos e as publicações sobre tecnologia e educação mais que quadruplicaram desde 1995 até hoje. Esse primeiro momento, na educação, propôs também problematizar e buscar compreender a linguagem escrita, em face de novos recursos comunicativos que retomam questões relativas à oralidade. Entretanto, percebendo o objeto que se distinguia dos demais, os estudos da Linguística tomaram para si o estudo do hipertexto como linguagem, com o olhar de quem compreende os diálogos e as múltiplas vozes como forma de produção de conhecimento e de intertextualidade, retomando as bases teóricas de Bakhtin (dialogismo e polifonia), Mangueneau (intertexto), Barthes (o grau zero da escritura), Veron (leitura e recepção) e Pierce (semiótica), e analisando os textos, sob aspectos voltados à comunicação na ótica da análise semiológica. Também é grande o número de estudos da área que tem sido apresentados em eventos científicos e publicados com esse viés de análise. Encontros anuais sobre

hipertexto têm sido realizados no país, comandados por grupos de pesquisa em literatura e linguagem. (UFPE, NEH-TE; MARCUSCHI, 2001) e encontros sobre interação tem sido promovidos por instituições da área de psicologia e educação...

Por outro lado, mas também sobre a dinâmica da linguagem, áreas como a da Ciência da Informação preocuparam-se em estudar a indexação de documentos também problematizando a linguagem hipertextual que permitia, mas, interessados na organização da informação, pela primeira vez com uma tecnologia que favorecia reunir, em uma só máquina de processamento de dados, o armazenamento, a busca e a recuperação de informações em escala global. Os estudos bibliométricos e as pesquisas sobre a indexação de informação desenvolveram exponencialmente nos últimos anos no Brasil e fora.

Do mesmo modo, na economia e na abordagem das políticas públicas, discutiram-se problemas sobre como a internet promoveria mudanças no modo de as economias, dos serviços públicos, dos poderes lidarem com a democratização da informação e com o acesso a bens e serviços por mais pessoas em ambientes compartilhados. Todos esses são problemas de caráter sociocultural que estão sendo pesquisados pelos governos, pelas ciências sociais, pelas ciências políticas, com vasta literatura publicada a respeito.

Esses foram apenas alguns exemplos para mostrar que, desde o início da década de 90, no Brasil, com o surgimento e a disseminação da internet, as ciências sociais e humanas já estavam formulando suas questões e tornando-as cada vez mais específicas para entender como a internet funciona. Todos queriam saber como essa tecnologia afetaria o modo de as pessoas se relacionarem, como modificaria as opções de espaços para aprender e ensinar, como traria mudanças na dinâmica social e nos jogos econômicos e de poder, como afetaria as relações e as comunicações. O estudo sobre a oralidade, a linguagem escrita nas salas de bate-papo, ou em outros espaços virtuais de comunicação, com o uso da internet, passou a ter lugar mais especializado, a partir do surgimento das comunidades sociais e dos dispositivos de mensagem instantânea (msn, icq) e as questões que vinham interessando à lingüística e à educação cada vez mais se especializam para explicar esse fenômeno.

Também a psicologia logo superou as primeiras curiosidades e tem agora buscado compreender melhor, especia-

lizar-se, sobre as relações, os comportamentos, as interações entre os indivíduos na internet e os comportamentos em ambientes de trabalho, relações familiares, ambientes escolares, alterados pela internet etc. Isso tem levado à discussão sobre novos padrões de comportamento de crianças, jovens e adultos, em função da presença da tecnologia digital em seu cotidiano relacional. (Wandelli, 2003; Dias, 2006).

A nossa hipótese é a de que isso ocorreu também na área de comunicação brasileira e que os estudos devem estar focando seu interesse em explicar as potencialidades e as características da internet, em suas características de meio de comunicação. Caso isso não esteja ocorrendo, o que significa? Que a área de comunicação não escolheu especializar-se, sob a justificativa de ser interdisciplinar ou por considerar que a internet (como um objeto próprio da comunicação) como meio de comunicação, não pode ser explicada pela comunicação, por ser extremamente complexa, sem delineamento, um objeto fugaz? (Martino, 2001).

É interessante notar como o olhar dos estudos sobre a economia política da comunicação pareceu seguir esse caminho de especialização, assim como uma parte específica da comunicação: o jornalismo. Ambos parecem ter buscado captar problemas específicos que lhes interessavam ao focar a internet, buscando compreender os fenômenos e aplicá-los tão rapidamente quanto possível. Hoje, esses estudos voltados à análise do jornalismo em face da internet e os que lidam com a economia da comunicação, parecem ter avançado e localizam, problematizam e apresentam perspectivas teórico-epistemológicas mais consistentes pois estão focados na interpretação e análise de suas práticas. Esse tipo de abordagem começou a definir corrente teórica que passou a retomar teorias sobre os meios de comunicação de massa, para avançar em estudos com reflexões teórico-metodológicas para o campo da comunicação:

O cenário que se desenha reflete um processo em curso desde as últimas décadas do século XX, e que tende a se aprofundar no século XXI. É nesse cenário que se vem procurando apreender, analisar e compreender as mudanças que, condicionadas pela reestruturação capitalista e pelas novas tecnologias de comunicação e informação, estão a provocar transformações substanciais nas indústrias da mídia. E por essa razão é que se acredita que a Economia Política da Comu-

nicação, na sua extração crítica, constitui uma das perspectivas teóricas e metodológicas mais produtivas e pertinentes para se refletir sobre esse processo de mudanças. Por Economia Política Crítica da Comunicação entendem-se as relações sociais que constituem mutuamente a produção, a distribuição e o consumo de produtos culturais e de comunicação no modo capitalista de produção (Mosco, 1996).

Perguntamos, entretanto: quais desses analistas das mudanças dos próprios recursos da comunicação, pelo surgimento de um meio de comunicação potente e universal como a internet, tem perspectivas de explicação próprias à comunicação? E as demais perspectivas teóricas levam a que possibilidades de investigação e explicação sobre a internet?

Conclusões

Certamente, os estudos que conseguirem avançar e estreitar seu olhar, cada vez mais especificamente, para procurar seu lugar na direção de questionar problemas e esclarecer questões típicas da comunicação, são os que vão oferecer base para um conjunto organizado, consensual e coerente de ideias, ou seja, aqueles que desenvolvam teorias a respeito da internet, de modo a contribuir para saberes específicos e complementar o conhecimento das outras diversas áreas de conhecimento que compõem as ciências sociais e humanas, como campo do saber.

É importante que, na atualidade, após as fases superadas de surgimento, expansão, primeiro impacto e novos problemas, à luz de modelos teóricos que ofereçam apoio às investigações, os estudos passem a olhar para este objeto de pesquisa com a necessária isenção, na ótica do conhecimento em comunicação para explicar a internet em suas características que diferenciam este objeto de outro.

Caso esse esforço não esteja sendo feito pela área de comunicação brasileira, a internet corre o risco de ser tratada por especialistas da área de Teoria da Informação (TI), como um objeto de estudo de seu domínio estrito e como se

fosse um objeto de conhecimento difícil para a própria área de comunicação, por ser caracterizado como complexo, múltiplo, multimodal, multimidiático. Assim, como ocorre com a própria discussão a respeito da teoria da comunicação, o risco é o de se acabar deixando um objeto sedento de compreensão pela área, deixar de ser explicável e revelado em suas dimensões técnico-comunicacionais pela própria área de comunicação, como lugar de discussão apropriado para essa pesquisa.

É necessário e urgente, portanto, que se façam novas abordagens, para que, aos poucos, os problemas, as metodologias e as teorias passem a se distinguir na própria área de comunicação e formem um conjunto de conhecimentos próprios. Esse caminho pode ser o de reconhecer o que está implicado no estudo da internet como meio de comunicação: a cultura, a sociedade, a representação e a própria técnica: ou seja, a compreensão sobre a atualidade mediática.

Referências Bibliográficas

BAUDRILLARD, J. Simulacros e Simulação. Lisboa, Relógio D'Água Editores, 1991 (Do original Simulacres et simulation, Paris: Gallimard, 1981)

BAUDRILLARD, J. Tela Total – Mito-Ironias da Era do Virtual e da Imagem. Porto Alegre, 1997 (Do original Écran Totale, 1997)

BRETON, P & Proulx, S. A explosão da comunicação; trad. Maria Carvalho; rev. Eda Lyra; 1ª Ed. Lisboa: Bizâncio, 1997.

BRETON, P. A Utopia da Comunicação. Trad. S. Ferreira. Lisboa; Instituto Piaget 1999.

BRETON, P. Le Culte de L' Internet. Paris: Decouvert ,2000.

CASTELLS, M, A sociedade em Rede - A era da informação: economia sociedade e Cultura; Tradução: Roneide

Venâncio Majer. V. 1. São Paulo. Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, M. A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Tradução de Maria Luiza X. de A.Borges, Revisão Técnica Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

DE KERCKHOVE, D. A Pele da Cultura, Lisboa: Relógio D'Água, 1997.

DIAS, C. A. Hipertexto: evolução histórica e efeitos sociais Ci. Inf., Brasília, v. 28, n. 3, p. 269-277, set./dez. 1999

ECO, U. Apocalípticos e integrados. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ENZENSBERGER, H. M. Elementos para uma teoria dos meios de comunicação, tradução de Helena Prente Cunha e Moema Parente Augel. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.

LEMO, A. L. Cibercultura. Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea. Porto Alegre: Sulina/Meridional, 2002. v. 1.

LÉVY, P. A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola/1ª Edição – 1998b (Coleção TRANS)- 214 pág.

LÉVY, P. A máquina universo: criação, cognição e cultura informática. Traduzido por Bruno Charles Magne. Consultor técnico: Niza Maria Campos Pellanda. Porto Alegre: Artmed, 1993a.

LEVY, P. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: 34, 1993b

LEVY, P. Cibercultura. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LEVY, P. O que é o virtual? Coleção Trans. Editora 34. São Paulo, 1997.

LIMA, V. A. de. Mídia: teoria e política. 2ª edição. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2004.

MARTINS, F. M. Impressões Digitais: cibercultura, comunicação e pensamento contemporâneo. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008. (coleção cibercultura)

MATELLARD, A. Comunicação-Mundo. História das idéias e das estratégias. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1994. (Original Editions de La Decouvert, 1992, Paris)

MATTELART, A & MATTELART, M. História das Teorias da Comunicação. Tradução Luiz Paulo Rouanet. 2ª edição. Revista e Ampliada. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

MATTELART, A & MATTELART, M. História da Sociedade da Informação. Tradução Niolas Nyimi Campanario. 2ª edição. Revista e atualizada: São Paulo: Edições Loyola, 2006. (original Histoire de la société de l'information, Editions La Decouverte, 2001b)

MARCUSCHI, Luiz Antônio. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. Linguagem & Ensino, Vol. 4, No. 1, 2001 (79-111)

MARCONDES FILHO, C. A Sociedade Frankenstein. In http://www.sel.eesc.usp.br/informatica/graduacao/material/etica/private/a_sociedade_frankenstein.pdf, 1991.

MARQUES DE MELO, J. (Org.). O campo da comunicação no Brasil. 1 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008, v. 1.

MORAES, D. de. Planeta mídia: tendências da comunicação na era global. Campo Grande: Letra Livre, 1998. 287p.

MARTINO, L. C. A Atualidade Mediática: O Conceito e suas Dimensões, in http://www.compos.org.br/data/trabalhos_

arquivo_coZXz9iPgCTLQ.pdf (Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Epistemologia da Comunicação”, do XVIII Encontro da Compós, na PUC-MG, Belo Horizonte-MG, em junho de 2009)

MCLUHAN, M. Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem. São Paulo: Cultrix, 1969.

MORRIS, M. & Ogan, Christine. The Internet as Mass Médium. Indiana University, 1996. disponível em <http://jcmc.indiana.edu/vol1/issue4/morris.html>

NEGROPONTE, N. A Vida Digital. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RHEINGOLD, H. La Comunidad Virtual. Una sociedad sin fronteras. Colección Limites de La Ciencia. Gedisa Editorial. Espanha. 1996.

ROSNAY, J. de. Les Rendez-vous du Futur. 1991.

ROSNAY, J. de. & Fayard, Carlo Revelli. La révolte du pronétariat: des mass média aux média de masses, 2006 disponível em <http://www.pronetariat.com>

ROSNAY, J. de. O homem simbiótico: perspectivas para o terceiro milênio. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997 (Do original L'homme symbiotique, regards sur le troisième millénaire, 1995)

SFEZ, L. Crítica da Comunicação. Loyola, 2000.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. NÚCLEO DE ESTUDOS DO HIPERTEXTO. (NEHTE) disponível em <http://www.ncte.org/cccc/awards/marcuschi>

VERON, E. A produção de sentido. São Paulo: Cultrix-EDUSP, 1981

VIRILIO, P. Ciber mundo: a política do pior. Lisboa: Teorema, 2000

WANDELLI, R. Leituras Do Hipertexto: Viagem Ao Dicionário Kazar. Imprensa Oficial , UFSC, 2003.

WEBER, M. H; BENTZ, I. & HOLFELDT, A. (orgs). Tensões e objetos de Pesquisa em Comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2002

WIENER, N. Cibernética e sociedade: o uso humano de seres humanos. São Paulo: Cultrix, 1968.

WOLF, M. Teorias da Comunicação. Mass media: contextos e paradigmas, novas tendências, efeitos a longo prazo, o newsmaking. Lisboa: Presença, 1987.

WOLTON, D. Pensar a comunicação. Traduzido por Zélia Leal. Brasília: UnB, 2004. Adghirni. (Texto original *Penser la communication*. Paris: Flammarion, 1997.

WOLTON, D. Pensar a internet. 24 Revista FAMECOS • Porto Alegre • nº 15 • agosto 2001 • quadrimestral (Texto originalmente publicado em *Internet – petit Manuel de survie*. Paris, Flammarion, 2000. Cedido pelo autor. Traduzido por Daniela Dariano.)

WOLTON, Dominique. Internet e depois? Uma teoria crítica das novas mídias. Porto Alegre, Editora Sulina, 2003. (original *Internet et après: une theorie critique de la nouvelle media*, Paris: Flamarion 1995).

Recebido em 18.11.2013. Aceito em 20.12.2013